



Ovídio no Twitter: divulgação científica em tempos de pandemia

Ovid on Twitter: Scientific Divulgaçao in Times of Pandemic

Bárbara Gonçalves da Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil

barbara.silva@letras.ufjf.br

<http://orcid.org/0000-0002-8520-172X>

Fernanda Cunha Sousa

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil

fernanda.cunha@ufjf.br

<http://orcid.org/0000-0001-5730-2307>

Isadora de Souza Belli

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil

isadorabelli@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-5087-4070>

Luiza Diniz Araújo

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil

luizadinizaraujo@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0883-2293>

Pablo de Moraes Moreira da Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais/Brasil

pablommdasilva@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9251-9955>

Resumo: Neste trabalho, discutiremos os desafios enfrentados pela equipe do projeto de extensão “Contos de mitologia” na adaptação de suas atividades durante o período de isolamento social, tendo como objetivo a divulgação de aspectos da cultura clássica para o público não acadêmico. Para isso, analisaremos alguns exemplos dos materiais que têm sido elaborados em comparação aos que costumavam ser trabalhados presencialmente junto à escola parceira a fim de demonstrar que é possível veicular conteúdo Clássico de modo descontraído, sem perder de vista os referenciais teóricos.

Palavras-chave: extensão universitária; literatura latina; prática docente.

Abstract: In this paper, we will discuss the challenges faced by members of the extension project “Contos de Mitologia” concerning the adaptation of its activities during the social isolation period, having as purpose to divulge classical culture aspects to the non-academic public. Therefore, we will analyze a few examples of materials that have been developed in comparison to what we used to work with alongside the partner school in order to demonstrate that it is possible to transmit classical content lightheartedly while respecting the theoretical framework.

Keywords: university extension; Latin literature; teaching practice.

1 Introdução

A Extensão Universitária tem um caráter educativo, cultural e científico demarcado pela articulação e indissociabilidade de suas funções, que permeiam a relação universidade-sociedade e o exercício do conhecimento, pautado no compromisso da redução das desigualdades, da inclusão social e do desenvolvimento regional e nacional. Essas ações contribuem não só para a melhoria das condições de vida das populações por elas atendidas, mas também para a formação crítica e qualificada dos estudantes, professores, técnico-administrativos e demais profissionais envolvidos.

O projeto de extensão “Contos de mitologia” está atualmente inserido no programa institucional “Boa vizinhança”, por meio do qual recebe apoio institucional, com a concessão de bolsas para graduandos e itens de custeio através da submissão a editais da instituição. O programa é coordenado pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e busca fortalecer a ação transformadora da extensão sobre os problemas sociais dos bairros de seu entorno e estabelecer uma relação dialógica entre extensionistas e sociedade.

No *campus* de Juiz de Fora, onde o nosso projeto atua, o “Programa Boa Vizinhança” tem por objetivo estimular, apoiar e promover projetos de extensão que atendam às demandas das comunidades próximas ao *campus*, de acordo com levantamento de demandas feito pela Pró-reitoria de Extensão junto a instituições públicas e entidades sociais que atuam nas localidades, ressignificando, assim, a relação com a sociedade e

buscando contribuir para transformar a realidade social dos territórios onde a universidade se insere.

Mas esse projeto já esteve inserido em diferentes contextos, sempre se adaptando à realidade de cada instituição, ao parceiro externo e às equipes de trabalho, ao longo de sua história, que começou em 1998, quando a Profa. Neiva Ferreira Pinto participou das discussões para a criação do projeto de extensão “Contos de mitologia”, iniciado pela Profa. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2000, já na UFJF, a Profa. Neiva implantou a proposta em sua nova instituição de trabalho, e o projeto permaneceu em vigor até 2005. Em 2013, o projeto foi implantado na Universidade Federal de Goiás (UFG) - *Campus* avançado de Jataí (atual Universidade Federal de Jataí - UFJ) pelas Profas. Tatiana Franca Rodrigues Zaniratto e Fernanda Cunha Sousa, ex-alunas da Neiva, onde permaneceu em vigor até 2017. Em 2014, foi retomado na UFJF pelas Profas. Neiva Ferreira Pinto e Fernanda Cunha Sousa (recém-concursada para atuar na instituição), onde permanece ativo ininterruptamente desde então.¹

O objetivo que sempre guiou as diversas equipes foi o de difundir o conhecimento sobre literatura e língua latina, ajudar a despertar o gosto pela leitura em diferentes públicos de diferentes faixas etárias, além de incentivar a formação continuada dos participantes do projeto, aprimorar a formação acadêmica e didática dos bolsistas e promover a aproximação entre universidade e comunidade, em especial os cursos de licenciatura da Faculdade de Letras, e a escola de formação básica. Como fio condutor para as diferentes propostas de atividade elaboradas, são selecionadas narrativas retiradas das *Metamorfoses*, de Ovídio (2007), as quais são adaptadas e inseridas em um projeto de trabalho.

A proposta inicial para o ano letivo de 2020 foi elaborada junto com as professoras regentes das turmas de 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Tancredo Neves – atual parceira externa do projeto,

¹ Para mais informações sobre ações e etapas do projeto, sugerimos as leituras de: TEODORO *et al.*, 2014; DELGADO *et al.*, 2014; SOUSA; RODRIGUES, 2015a; SOUSA; RODRIGUES, 2015b; MIRANDA *et al.*, 2016; TIAGO *et al.*, 2017; VEIGA *et al.*, 2019.

e consistia na elaboração conjunta de uma fanfic,² a partir da seleção e adaptação de mitos como “Minerva e Aracne”, “Minotauro”, “Medeia e Jasão” e “Medusa”. Assim, atingiríamos o objetivo final de proporcionar aos alunos uma situação de comunicação real por meio do produto final, que seria divulgado no site da escola parceira. Trabalharíamos, além dos conteúdos vinculados aos Estudos Clássicos, diversas habilidades ligadas à linguagem oral e à escrita em português, em diferentes níveis, questões de planejamento de atividade, sequência didática, trabalho em grupo, e propiciaríamos, ainda, a continuidade da integração entre o trabalho extensionista e as demais áreas de atuação que compõem o conhecimento acadêmico.

Mas, com a suspensão das aulas por tempo indeterminado, a partir do dia 17 de março na rede municipal de ensino de Juiz de Fora e a partir do dia 18 de março na UFJF, e a suspensão do calendário acadêmico universitário no dia 25 de março, em virtude da pandemia de coronavírus (COVID-19), as atividades previstas junto à escola não puderam ser desenvolvidas.

Dessa forma, a equipe do projeto decidiu buscar outra maneira de interagir e divulgar aspectos da Cultura Clássica, ao menos enquanto perdurasse a impossibilidade de retomar suas atividades previstas. Assim, depois de acompanhar a experiência exitosa de diversos perfis de divulgação científica na rede social *Twitter*, criou-se uma conta para o projeto – @contosmitologia – a fim de divulgar, para o público não necessariamente acadêmico, aspectos da literatura latina de maneira descontraída, sem perder, no entanto, o referencial teórico que nos guia. Assim, mantendo as *Metamorfoses* de Ovídio (2007) como base, o

² A fanfic é uma história ficcional que pode ser baseada em diversos personagens e enredos que pertencem a outras fontes, como livros, filmes, séries, HQs, videogames, mangás, animes, grupos musicais, celebridades e etc, na qual os fãs se apropriam do mote da história ou dos seus personagens para criarem narrativas paralelas ao original e publicarem em fóruns ou sites específicos para este tipo de conteúdo na internet, normalmente sem a intenção de ferir os direitos autorais ou de obter lucros com as suas produções. A popularização das fanfics ocorreu com a consolidação da internet, mas se origina na década de 1970, quando fãs de Star Wars começaram a criar fanzines e histórias alternativas baseadas no enredo e personagens da série (COELHO, 2018).

novo desafio de adaptação enfrentado para atuar nesse contexto é o que apresentamos neste trabalho.

2 Divulgação literária e científica

Apesar de ainda pouco comum no ambiente acadêmico, o uso de formato próprios das redes sociais justifica-se a partir da visão de que o próprio universo da leitura sempre passou por modificações em seu formato desde o seu surgimento (seja nas chamadas tabuinhas, nos pergaminhos, nos livros impressos e digitais, entre outras formas de arquivamento e acesso), processo que foi intensificado com o advento da chamada modernidade, mais especificamente a modernidade cultural: “a ideia de uma modernidade como um ambiente plural, instigante e inovador, simultaneamente rotinizador e criativo, ‘esperançada’ e assustadora, desafiadora e destrutiva, perene e transformadora, enfim, uma ambiência de aventura e metamorfose” (SALGADO, 2005, p. 26).

Uma vez que nosso trabalho visa à difusão da literatura clássica, é de extrema importância que estejamos familiarizados com, ao menos, alguns dos mais diferentes ambientes nos quais a literatura se insere atualmente, que vão muito além dos muros de bibliotecas e salas de aula, estando presente, por exemplo, no universo *Booktuber* e *Bookstagrammer* – canais que difundem e debatem temáticas relacionadas à literatura, por meio das plataformas Youtube e Instagram.

É notório que o leitor contemporâneo deixa seu papel de leitor passivo e deseja assumir um papel mais ativo, a partir do qual discute, relaciona e analisa situações associadas ao universo literário, tornando-se, portanto, um “produtor” da obra (SALGADO, 2005, p. 49).

Uma das marcas da contemporaneidade talvez seja a ausência ou o término de referências prontas. Nesse caso, o leitor, como qualquer agente social, também é capaz de ajustar: auto-reflexividade, auto-normalidade e auto-modelagem são caracteres geracionais cambiados, que como sublinhou o já citado Karl Mannheim, podem ser intercambiados. Também podem propiciar avanços na interação entre leitores, no mundo real e no mundo virtual. [...] Com isso

há, na contemporaneidade, uma desreferencialidade que irá desembocar em um cenário, posto que salutar, de crise dos paradigmas. De posições mais ortodoxas avança-se, deste modo, em direção a uma heterodoxia, enquanto que a homogeneidade pode se desfragmentar e gerar uma heterogeneidade (SALGADO, 2005, p. 49).

Ademais, é necessário observar que não só a literatura passa por esse deslocamento, mas também o próprio debate acadêmico. Têm crescido exponencialmente as pautas sobre a divulgação científica como elemento de inclusão social, pelo fato de grande parte da população não especializada não ter acesso efetivo garantido ao conhecimento que é produzido no meio científico.

Falar de inclusão social no domínio da difusão ampla dos conhecimentos científicos e tecnológicos e de suas aplicações compreende, portanto, atingir não só as populações pobres, as dezenas de milhões de brasileiros em tal situação, mas também outras parcelas da população que se encontram excluídas no que se refere a um conhecimento científico e tecnológico básico. A razão principal para o presente quadro reside na ausência de uma educação científica abrangente e de qualidade no ensino fundamental e médio do país (MOREIRA, 2006, p. 11).

Esse debate é de extrema importância não só pela perspectiva da inclusão social de “populações que são social e economicamente excluídas no sentido de terem acesso muito reduzido aos bens (materiais, educacionais, culturais etc.) e terem recursos econômicos muito abaixo da média dos outros cidadãos” (MOREIRA, 2006, p.11), mas também pelo fato de muitas falácias sobre as mais diversas áreas de estudos serem perpetuadas em virtude de grande parte da população não ter acesso aos conteúdos desenvolvidos no universo científico e acadêmico.

Assim, como projeto de extensão vinculado a uma universidade pública, temos a missão de promover o acesso de diferentes setores da sociedade a pesquisas acadêmicas desenvolvidas pela área de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, visando não só à divulgação literária,

mas também à amplificação do conhecimento crítico acerca da cultura clássica grega e romana, um dos pilares da cultura do ocidente. Estamos ainda preparando os bolsistas, futuros docentes, para elaborar diferentes materiais de comunicação/ensino para diferentes públicos, o que será de grande valia em sua formação didática.

Entendemos, assim, que a produção de conteúdo de divulgação literária e de conteúdos relacionados à Antiguidade Clássica por pesquisadores e grupos especializados na área auxilia na desconstrução de imagens falsas e pouco embasadas que, muitas vezes, são perpetuadas pelas mídias sociais e por adaptações contemporâneas que fazem uso dessa cultura como meio de construção de um universo fantástico para a literatura e para o cinema, por exemplo.

3 Os Clássicos nas redes sociais

Os mitos gregos e romanos contêm um amálgama de saberes de caráter simbólico imagético, que fazem parte da base do imaginário da sociedade ocidental. Ao longo da história, povoam as mais diferentes expressões culturais ocidentais; inúmeros são os exemplos da presença deste referencial mítico em nossa sociedade: da pintura ao cinema, da música à literatura, da psicologia à filosofia, dentre outros.

Frutos da tradição oral, muito antes do aparecimento da escrita, os mitos já eram transmitidos de geração em geração, através da narração destas histórias, por pessoas que as guardavam na memória. Posteriormente, ao serem grafados, seu fator de transmissibilidade passa a estar ligado, então, à conservação e à reprodução de suas fontes escritas.

Porém, no fim do século XX, com o advento da internet, por seu caráter mutável, o mito passa a ocupar um novo campo, que o liberta novamente de barreiras físicas, imprimindo, nesse novo ambiente, maior velocidade, e mutabilidade, a sua transmissão. Se antes um arauto demorava dias para ir de uma cidade à outra ou um incêndio como o de Alexandria poderia destruir o único exemplar de uma obra, atualmente, uma quantidade de informação comparável à da antiga biblioteca grega pode ser enviada para o outro lado do mundo em questão de segundos, graças a essa poderosa ferramenta.

Entretanto, nem tudo parece argumentar a favor da capacidade completamente nova proporcionada pelas novas tecnologias de replicação rápida de informação. Milton Santos (2001), em seu livro *Por uma Outra Globalização*, discorre sobre o progresso da ciência e das técnicas em um mundo que se diz globalizado, que promete diversos avanços, mas não cumpre. Santos (2001) questiona se, de fato, a difusão instantânea de conhecimento informa, se as pessoas são realmente atingidas em tempo real e analisam de forma crítica o que recebem, inserindo-se em uma aldeia global que tem como ponto de partida um nível de conhecimento do qual todos fazem parte.

Outro problema que pode ser apontado, além da falsa sensação de interligação, é a imensa liberdade produzida pelo alto número de informação disponível digitalmente. Muito mais do que em qualquer momento da história, temos atualmente acesso a conhecimento tanto em quantidade quanto em complexidade, difíceis mesmo de quantificar. Isso impressiona, mas dificulta a busca por uma informação de qualidade, o que afeta a construção do conhecimento, pois o leitor, por sua vez, precisa saber o que procurar.

Dessa forma, a divulgação científica por meio da internet levanta algumas questões, como: é possível divulgar em plataformas sociais? Haveria uma certa banalização do conhecimento ou uma simplificação demasiada de assuntos complexos? Podemos construir um espaço onde o leitor se sentirá realmente instigado a refinar sua busca e a conectar informações que compõem seu repertório?

Umberto Eco, filósofo italiano, também se coloca contra a disseminação de informações através de redes sociais, chegando a afirmar que “uma legião de imbecis” ganhou voz neste século, por meio da internet, tendo “o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel” (REDES..., 2015). De fato, as redes sociais podem constituir um campo de disseminação de informações falsas, sem checagem, que atingem e influenciam milhões de pessoas rapidamente. Por outro lado, também há pessoas interessadas em difundir e construir conhecimento e informação de qualidade, com acesso livre. Esse movimento contrário à desinformação é imprescindível na busca de um repertório mais complexo, que incita nossa capacidade crítica e autonomia de pensamento.

Não é possível ignorar essa força que a velocidade e a quantidade de informação têm, através da internet, para a sociedade atual e a democratização do conhecimento. A internet revolucionou a transmissão de saberes. O meio científico deve acompanhar essas mudanças fundamentais para a divulgação da pesquisa no Brasil, apropriando-se cada vez mais de espaços que muitas vezes são dominados por replicações de informações falsas e de pouca sustentação. A divulgação embasada, feita com responsabilidade e que se aproveita de novas ferramentas para sua difusão apenas contribui para diminuir a distância entre a academia e a população.

4 Exemplos de adaptação

O processo de adaptação sempre foi uma das partes mais importantes do projeto, em todas as suas edições, sempre levando em consideração o objetivo de instigar o interesse pela cultura clássica, neste momento, por meio da internet. Em contexto de sala de aula, pensamos as adaptações para a contação, sendo a oralidade o alicerce do processo, porém, com as aulas suspensas devido à pandemia de COVID-19, passamos a pensar o formato dos textos para o *Twitter* em forma de *threads*, levando em consideração uma linguagem mais informal, o apelo imagético de *gifs*³ e *memes*, sem nos distanciar do material teórico e das fontes clássicas, sempre considerando que parte essencial da contação de histórias é o deleite provocado no interlocutor.

Além do meio de comunicação, a faixa etária também se apresenta com uma diferença significativa, visto que o público-alvo se mostra diferente daquele com o qual vínhamos trabalhando até então (crianças do 5º. ano do ensino fundamental), sendo o *Twitter* uma rede social mais acessada por adolescentes e jovens adultos.⁴ Por essa razão, além da diferença na linguagem utilizada, também é possível abordar temas que poderiam causar algum conflito às crianças que participam do projeto na realidade escolar, como conteúdos eróticos e violentos presentes em algumas histórias.

A *thread*, termo inglês que significa fio, é uma forma de narrativa comumente utilizada na rede social escolhida. Em razão de

³ *Gif* é uma imagem que contém cenas em movimento.

⁴ Para criar uma conta no *Twitter*, a idade mínima exigida pelas políticas da rede social é de 13 anos (SOBRE..., 2021).

cada publicação poder contar apenas com 280 caracteres atualmente (anteriormente eram 140), é feita uma amarração da narrativa através de uma sequência de *tweets*.⁵ Esse recurso tem sido muito utilizado por perfis de divulgação científica, por permitir a veiculação de mais informações, e referências teóricas inclusive, sem perder o caráter da dinamicidade, que caracteriza a rede social.

As opções para as adaptações que demonstraremos a seguir foram feitas com base não só no vocabulário cotidiano das mídias sociais, mas também na realidade atual brasileira, para que houvesse um paralelo entre as narrativas contadas e o contexto do leitor. Para exemplificar, transcrevemos a seguir alguns trechos das adaptações produzidas pela equipe do projeto para o mito de Minerva e Aracne, juntamente com trechos da edição traduzida por Paulo Farmhouse Alberto (OVÍDIO, 2007), que nos serve de apoio.

Tradução que nos serve de base:

(1) “E centrou a atenção no destino da meônida Aracne, de quem/ouvira dizer que não se considerava inferior a si na glória da arte da lã./[...] quer fizesse rolar com polegar ligeiro o torneado fuso,/ou bordasse, logo se via que fora Palas que a ensinara. [...]” (OVÍDIO, 2007, p. 317).

Adaptação feita para a sala de aula:

(1b) “Há muito tempo atrás, existiu uma menina chamada Aracne. Ela era muito talentosa na arte de tecer a lã, fazendo belíssimas obras de arte com o tear. Todos admiravam seu trabalho e louvavam o dom atribuído pelos deuses. “Você deve agradecer Minerva por tamanho talento!” diziam – e Minerva era a deusa tecelã – mas Aracne não gostava de pensar que sua habilidade era um presente pelo qual deveria agradecer, ela achava que era algo conquistado por mérito próprio e se irritava”.⁶

⁵ *Tweet*: nome atribuído às publicações feitas na rede social *Twitter*.

⁶ Adaptação feita pela equipe, pertencente ao acervo do projeto.

Adaptação feita para o Twitter:

(1c)“Tentando costurar umas máscaras aqui, eu percebi que costurar é mais difícil do que parece. Se eu fosse tão habilidoso quanto Aracne, eu já teria feito essa máscara de olhos fechados. Você não sabe quem é Aracne? Então, segue a teia.../ Aracne era famosa por ser a mais talentosa costureira viva e até as ninfas paravam tudo só pra ver a moça trabalhar. Era tão talentosa que deixaria Coco Chanel de boca aberta! O povo dizia que Aracne só poderia ter aprendido a tecer daquele jeito com Atena, a deusa das tecelãs. [...]” (CONTOS DE MITOLOGIA, 2020d).

As adaptações transcritas refletem a necessidade de perceber as diferenças entre a abordagem dos mitos nos espaços em que serão divulgados tais textos, bem como seu público-alvo. A adaptação demonstrada em (1c) começa traçando uma relação com a pandemia de COVID-19, na qual há a necessidade do uso de máscaras pelos cidadãos ao saírem de seus domicílios. Isso aproxima o texto de seu leitor e o torna atual. Cria-se ainda uma estratégia de diálogo, com um convite para conhecer o conteúdo que será apresentado em seguida.

A *thread* a seguir ainda não foi adaptada para o ambiente escolar, como foi feito com o exemplo anterior. Mas a equipe discutiu que seria uma boa oportunidade de falar sobre a Píton do templo de Apolo em uma semana em que várias referências a cobras surgiram nos mais diversos ambientes da internet. Fez-se, então, uma analogia à notícia que motivou toda a comoção: um esquema de tráfico internacional de animais exóticos descoberto porque uma naja picou o estudante de veterinária que a manuseava (CASO..., 2020).

Tradução que nos serve de base:

(2) “[...] A terra não te queria, mas também a ti, colossal Píton,/te gerou então. Serpente desconhecida ainda, eras o terror dos povos/agora criados, tal a porção de montanha em que dominavas./Cravando-a de mil dardos, quase esgotando a aljava,/exterminou-a o divino arqueiro, que jamais se servira destas suas armas senão contra gamos e fugitivas cabras./Das suas mil feridas jorrou o veneno. [...]” (OVÍDIO, 2007, p. 75).

Adaptação feita para o Twitter:

(2b) “Já que as cobras iniciaram a revolução dos bichos brasileira,⁷ a *thread* de hoje é para contar pra vocês como surgiu a Píton.../[...] A terra era tão fértil e potente que, sem nenhuma intenção, acabou gerando uma serpente extremamente poderosa e que viria a ser o terror dos novos povos criados, a Píton./Como a Píton dominava grande parte da montanha, para salvar a todos, Apolo cravou-a com mil dardos, que nunca tinham sido usados, a não ser para caça, quase ficando sem nenhum./Assim, ele a exterminou, e seu veneno escorreu por todas suas feridas.” (CONTOS DE MITOLOGIA, 2020b).

Para acompanhar essa *thread*, criou-se também um *meme* sobre o tema. Uma das características interessantes deste formato é que ele nos possibilita explorar intertextualidades – como é possível perceber na imagem seguinte, construída a partir de uma cena do filme “Harry Potter e a Pedra Filosofal” –, correlações com outras áreas e assuntos que estão em destaque no momento, de modo que, muitas vezes, é retomado algum acontecimento prévio, um tópico muito abordado, um outro *meme* conhecido, uma figura pública famosa ou algum tema que tenha conexão com a história contada, o que aproxima o leitor da narrativa e esta do cotidiano.

⁷ O texto faz ainda rápida referência ao clássico da literatura mundial *A revolução dos bichos*, de George Orwell, a fim de gerar efeito cômico.

Figura 1 – Meme Harry Potter e a Origem da Píton



Fonte: Contos de Mitologia (2020a).

Além das *threads* e *memes*, trabalhamos ainda com testes em que características relacionadas a algumas personagens clássicas são apresentadas de modo que o leitor possa se identificar com algum herói ou deus grego ou romano, como no exemplo a seguir:

Figura 2 – Teste: “Qual das deusas gregas você é?”



Fonte: Contos de Mitologia (2020c).

Para a construção dos testes, abordamos com comicidade alguns dos estereótipos, disseminados pelas mídias e produções literárias e cinematográficas contemporâneas, referentes às personalidades e ações dos deuses e heróis da mitologia clássica, dispondo de elementos linguísticos presentes no vocabulário das redes sociais, de maneira que o leitor possa encontrar aquele com o qual mais se assemelha. O formato emula os testes de revistas, voltadas para o público adolescente, muito populares nas décadas de 1990 e 2000.

Para os testes, além das *Metamorfoses* de Ovídio (2007), servem-nos de base ainda a *Odisseia* de Homero (2013) e o *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* de Pierre Grimal (1993), sendo o primeiro a principal fonte para as adaptações.

5 Do mito ao *meme*

Como o *meme* foi o gênero mais polêmico, muito debatido pela equipe se seria adequado ao nosso trabalho ou mera banalização do conteúdo, e posteriormente, o material com o qual mais os seguidores

da página interagiram, vamos abordá-lo em separado, a fim de melhor explorar esse percurso.

O termo *meme*, atualmente vinculado a uma série de padrões de comportamento que se espalham através de sua replicação viral pela *web*, foi cunhado em 1976 pelo etólogo britânico Richard Dawkins, que popularizou a concepção de que os genes seriam o fator central da evolução, em seu livro *O Gene Egoísta* (GABORA, 1999). O estudioso, ao traçar um paralelo entre a sua teoria do “gene egoísta” e a cultura, chega, então, ao termo *meme* como um modo de integrar a ideia de um agente replicador, correspondente ao gene na biologia, a fatores que concernem à cultura, ou seja, sob essa perspectiva, o *meme* é o homólogo cultural do gene, isto é, ambos são uma unidade básica de replicação informacional, que opera através da imitação.

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “*Mimeme*” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo⁸ que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar *mimeme* para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada com “memória”, ou à palavra francesa *même*. (DAWKINS, 2001, p. 214)

Nesse sentido, gostaríamos de nos apropriar do termo a ponto de nos permitir dizer que, de certa maneira, os mitos⁹ também são *memes*, pois constituem uma unidade de cultura que pode ser transmitida de uma pessoa para outra por meio da replicação (com ou sem adaptação) da informação, ou seja, tanto os mitos quanto os *memes* partilham

⁸ Julgamos pertinente salientar que este texto foi originalmente escrito em língua inglesa, o que justifica a classificação de monossílabos para os termos “gene” e “meme”, entretanto, em português, a classificação correta seria como dissílabos, embora a tradução da obra não faça essa ressalva.

⁹ Não pretendemos desconsiderar toda a tradição de discussão acerca da definição do termo “mito”. Trata-se de aproximação didática, com a finalidade de justificar o trabalho que ora propomos com ambos os termos em destaque nesta seção.

algumas características, como, por exemplo, o fato de ambos possuírem estruturas elementares facilmente reconhecíveis que permitem sua reprodutibilidade; evoluem em consonância com as transformações históricas e seus valores apesar de relacionados a uma dada cultura muitas vezes constituem-se como universais.

Ao observamos essas semelhanças existentes entre mito e *meme* e motivados pela busca por diferentes linguagens que permitissem aos alunos adentrarem o universo clássico, levantou-se o seguinte questionamento: um *meme* poderia ser utilizado como uma ferramenta educacional capaz de instigar o aprendizado formal acerca de um mito clássico?

Por trata-se de uma experiência pedagógica, entendemos que a adoção de *memes* no ensino de língua e literatura clássica através dos mitos, justifica-se após intenso processo de reflexão, que visou a busca por uma atualização tanto instrumental quanto metodológica das práticas docentes. Daí, conclui-se que o seu uso como ferramentas capazes de implementar uma nova dinâmica ao processo de ensino-aprendizagem mostrou-se eficiente por requerer um domínio relativamente amplo de uma gama de habilidades linguísticas em seu processo de decodificação.

Para interpretar um *meme*, o aluno precisa acionar uma série de estratégias cognitivas e metacognitivas, pois, para construir e negociar os sentidos existentes entre o texto e a imagem, simultaneamente, é necessário que se faça um paralelo entre a intertextualidade *meme*-mito. Logo, isso faz com que o aluno tenha que recorrer não só a sua capacidade de leitura de diferentes linguagens (verbal e não verbal), mas também ao seu conhecimento prévio¹⁰ relativo aos textos clássicos e à atualidade para interpretar e compreender a mensagem e o humor ali presente.

Por exemplo, para entender as ideias presentes no *meme* a seguir, os alunos precisam, além do conhecimento sobre o personagem (Homem-Aranha) e o contexto de uso do *meme* Homem-Aranha vs. Homem-Aranha, ter um conhecimento prévio da obra “Anfitrião”, do comediógrafo latino Plauto:

¹⁰ Caso não possua esse conhecimento prévio, o aluno precisará pesquisar sobre para conseguir compreender o que está sendo apresentado, como explicaremos melhor a seguir.

Figura 3 – Réplica Clássica do *meme* Homem-Aranha vs. Homem-Aranha

Fonte: Contos de Mitologia (2020)¹¹

O contexto necessário para habilitar o uso do *meme* Homem-Aranha vs. Homem-Aranha são situações que envolvam uma relação de igualdade entre pessoas ou acontecimentos. Desta maneira, o *meme* concebido pelos bolsistas do projeto cria um intertexto com a obra de Plauto, ao fazer uma referência ao fato de Júpiter copiar a aparência de Anfitrião para enganar Alcmena na peça plautina. Sob essa perspectiva, a comunicação, no gênero *meme*, se constitui na articulação entre o conhecimento prévio e os aspectos implícitos ao gênero como, por exemplo, seu contexto de uso.

Assim, podemos afirmar que a construção do conhecimento não é algo que se faz com apenas uma fonte. Um leitor interessado, curioso, mesmo que não tenha os conhecimentos prévios necessários, vai se sentir instigado a procurar enriquecer esse conhecimento, indo atrás de outras informações que complementam seu saber, em suas áreas de interesse e, assim, compreender o jogo estabelecido no material apresentado. E esse é um dos objetivos da proposta: provocar a curiosidade daqueles que não conheçam a referência para que busquem sobre o assunto e, assim, explorem um pouco mais da cultura clássica e ampliem seu leque de conhecimento.

¹¹ Disponível em: <<https://twitter.com/contosmitologia/status/1299057261600477184>>
Acesso em: 02 de dez. de 2021

O *meme*, como já dito, elaborado e abordado de modo a fazer parte de um conjunto didático, torna-se uma dessas formas de complementar nossa gama de informações sobre determinado assunto. Existem diversos *memes* específicos de diversas fontes de saber: matemático, filosófico, sociológico, geográfico etc. Muitos necessitam de uma leitura prévia para serem compreendidos e incitam a pesquisa e a curiosidade. elaborar esse tipo de material tira o profissional de sua “zona de conforto”, ao repensar seu conteúdo e como ele pode se relacionar com temas do cotidiano de maneira cômica, agregando uma série de informações em uma comunicação extremamente rápida. O leitor, por sua vez, sai de uma instância passiva para uma mais ativa, às vezes por querer simplesmente entender o efeito cômico ou adentrar certo nicho específico de seu interesse.

6 Considerações finais

Nosso objetivo, nas diferentes abordagens do projeto, é sempre colaborar para que aqueles que tiverem contato com os materiais produzidos por nós, pelo acesso a conhecimentos até então desconhecidos por muitos, possam vislumbrar a possibilidade de se fazerem críticos e reflexivos através da compreensão de alguns aspectos formadores de sua própria cultura, muito explorados atualmente pela indústria cinematográfica, editorial e de jogos, por exemplo, embora pouco trabalhados em determinados segmentos sociais.

A experiência das edições anteriores nos leva a concluir ainda que temos colaborado para formar professores mais conscientes do ambiente sociocultural e das adversidades cotidianas com os quais poderão se deparar em seus futuros ambientes de trabalho e de como é possível desenvolver ações integradas, criativas, prazerosas, transformadoras, significativas e respeitosas para todos os envolvidos.

Além disso, é possível, através do projeto, auxiliar no desenvolvimento de pesquisadores cientes da realidade externa ao mundo acadêmico e capazes de adequar e difundir seus estudos e pesquisas nos mais diversos espaços e para os mais variados públicos. Uma vez que se compreende que parte essencial da extensão universitária é pensar meios para o conhecimento acadêmico ser acessado pela comunidade não

acadêmica, as redes sociais tornam-se ótimas ferramentas devido às suas características dinâmicas, de rápida difusão de informações e também por serem acessadas por inúmeras pessoas com realidades distintas.

A página do projeto (@contosmitologia), criada em maio deste ano, conta atualmente com 143 seguidores. Pelo perfil, percebemos que alguns são professores e alunos da área de Estudos Clássicos, não só da UFJF, mas de outras instituições, além de universitários de outras áreas. mas há também muitas pessoas de fora do meio acadêmico, interessadas no tema, que marcam seus amigos nas publicações, compartilham e comentam as postagens com frequência e respondem aos testes propostos. embora ainda seja uma experiência muito recente, entendemos que temos cumprido o objetivo proposto durante este período de distanciamento social.

Com a perspectiva de retorno das aulas de modo remoto tanto na universidade como na rede municipal de ensino, a equipe se prepara para outro desafio inédito, mas que se faz deveras necessário diante da atual situação: atuar junto à escola parceira de modo a auxiliar na minimização de danos educacionais e sobrecarga de trabalho, sem perder de vista nosso objetivo de divulgação literária e cultural por meio de uma interação significativa, transformadora, descontraída e prazerosa para todos os envolvidos.

Referências

CASO naja: “há uma rede grande de tráfico de animais”, diz PM afastado. *UOL Notícias*, [s. l.], 07 jul. 2020. Seção Cotidiano. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/08/07/caso-naja-ha-uma-rede-grande-de-trafico-de-animais-diz-pm-afastado.htm>. Acesso em: 25 ago. 2020

COELHO, Taysa. O que é fanfic? Veja onde encontrar na web livros escritos por fãs. *Tech Tudo*, [s. l.], 20 nov. 2018. Seção App. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/11/o-que-e-fanfic-veja-onde-encontrar-na-web-livros-escritos-por-fas.ghtml>. Acesso em: 25 ago. 2020.

CONTOS DE MITOLOGIA. *A terra era tão fértil* [...]. Juiz de Fora, 14 jul. 2020a. Twitter: contosmitologia. Disponível em: <https://twitter.com/contosmitologia/status/1283149030621683718>. Acesso em: 24 de nov. 2021.

CONTOS DE MITOLOGIA. *Já que as cobras iniciaram a revolução* [...]. Juiz de Fora, 14 jul. 2020b. Twitter: contosmitologia. Disponível em: <https://twitter.com/contosmitologia/status/1283148218159816706>. Acesso em: 24 de nov. 2021

CONTOS DE MITOLOGIA. *Tag yourself versão Deusas Gregas*. Juiz de Fora, 19 jun. 2020c. Twitter: contosmitologia. Disponível em: <https://twitter.com/contosmitologia/status/1274051937923710981>. Acesso em: 24 de nov. 2021

CONTOS DE MITOLOGIA. *Tentando costurar umas máscaras aqui* [...]. Juiz de Fora, 09 jun. 2020d. Twitter: contosmitologia. Disponível em: <https://twitter.com/contosmitologia/status/1270498668911767555>. Acesso em: 24 de nov. 2021

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DELGADO, B.; EVANGELISTA, D.; NASCIMENTO, J.; DADALTI, L.; VEIGA, M. S.; SOUSA, F. C. Contos de mitologia: uma proposta de diálogo entre a formação acadêmica e a extensão através da contação de histórias. *Rónai*, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 150-165, 2014.

GABORA, L. *Book Review: The Meme Machine by Susan Blackmore*. *The Journal of Artificial Societies and Social Simulation*, [s. l.], v. 2, n. 2. mar. 1999. Disponível em: <http://jasss.soc.surrey.ac.uk/2/2/review2.html>. Acesso em: 18 de ago. 2020.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

MIRANDA, L. M.; AZEVEDO, B. D.; SOUSA, F. C. Sequências didáticas na contação de mitos ovidianos. *In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF*, 24., 2016, Juiz de Fora. *Dossiê* [...]. Juiz de Fora: UFJF, 2016. v. 04. p. 79-88.

MOREIRA, I. C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. *Inclusão Social*, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100513>. Acesso em: 24 nov. 2021.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 2007.

REDES sociais deram voz a legião de imbecis, diz Umberto Eco. *UOL Notícias*, [s. l.], 11 jun. 2015. Seção Últimas Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2015/06/11/redes-sociais-deram-voz-a-legiao-de-imbecis-diz-umberto-eco.jhtm>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SALGADO, G. B. O leitor na contemporaneidade. In: SALGADO, G. B. (org.). *Fabulação e fantasia: O impacto da hipermídia no universo simbólico do leitor*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

SOBRE a restauração da conta. *Central de ajuda do Twitter*, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/managing-your-account/account-restoration>. Acesso em: 25 de nov. 2021.

SOUSA, F. C.; RODRIGUES, T. F. Contos de mitologia: a extensão universitária como forma de compartilhamento do saber. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 13., 2015, Havana. *Caderno de anais [...]*. Havana: Universidade de Havana, 2015a. v. 01. p. 01-15.

SOUSA, F. C.; RODRIGUES, T. F. Universidade: escola para a sociedade: um relato sobre experiências de pesquisa e extensão. *Phaos*, Campinas, v. 13, p. 135-150, 2015b.

TEODORO, J.; NERY, R.; MOURA, J. C.; RODRIGUES, T. F.; SOUSA, F. C. Experiências de extensão: a Literatura Clássica como forma de unir a sociedade à Universidade. *Rónai*, [s. l.], v. 2, p. 165-185, 2014.

TIAGO, V. M.; SOUSA, F. C.; RODRIGUES, J. A. M. Metamorfoses: a transformação dos mitos e o ato de (re)contar histórias. In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF, 24., 2016, Juiz de Fora. *Dossiê [...]*. Juiz de Fora: UFJF, 2017. v. 4. p. 71-78.

VEIGA, M. S.; AZEVEDO, B. D.; BELLI, I. S.; SOUSA, F. C. Extensão Universitária e Formação de Professores: um intercâmbio enriquecedor de conhecimento entre escola e universidade. In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA UFJF, 25., 2018, Juiz de Fora. *Dossiê [...]*. Juiz de Fora: UFJF, 2019. v. 01. p. 51-60.

Recebido em: 2 de agosto de 2021.
Aprovado em: 19 de agosto de 2021.